AH, O INÍCIO...

AIRTON PASCHOA

Ah o início. manhã luminosa e sem memória, que a tentação da literatura diverte, converte em cúmplice o leitor, em aventura a vida, a vida em ficção, em realidade, em realidade, não por dom, pelo condão porém de admitir a existência de uma rima, um ímã chamado destino, ou acaso, ou descaso, ou mesmo ônibus, o mesmo que a pôs a meu lado, de feição feia, traje sóbrio, remoendo não sei que sorte, por quem escrevo, enquanto dorme, um conto sem rumo, tal o sonho que ousei possível crer, por quem escrevi poemas de duvidosa qualidade, que ela lia com orgulho, com graça, na noite de núpcias, na varanda infinita da casa alugada à beira-mar, porventura o início, ou antes, ao visitá-la pela primeira vez, você estava tão linda, estúpido, de pé, num dos últimos apartamentos do centro velho, entre a cidade irreal e o corpo nascente, perdido, premido, e aceitava o copo trêmulo e o beijo úmido, precipitado na queda livre e leve de seus cabelos, que jorravam, um pouco antes, quando me procurou no ônibus, custei a crer que me pedia pela enésima vez que abrisse a janela, eu aturdido contemplava seus olhos assobradados, e não havia mistério algum, bobinho, talvez minha infância de subúrbio, de tê-la despida e despido meu medo mudo, por isso tenha bebido tanto, falado tanto, palavras em corredor, em redor, nunca soube explicar, você convidava, vem, e eu resistia, essa recusa escusa de mergulhar à toa, que preferia vê-la, covarde, não perdê-la de vista ao longe banhar-se a acompanhá-la, vê-la surgir espuma, penhasco, de onde jurava por vezes ouvir o eco denso, coeso, das ondas, do fogo, dos lençóis, nuvens estranguladas, lutando por ganhar altura e morrendo rumoroso, rumo ao magma, às rochas, ao silêncio, obstinado, sombrio, que cultivamos o trajeto todo, tolo, mal me contendo, a ladeira iminente, tenso, doce, longo, o beijo me restituía de volta, salvo, abandonado, desesperado, amor, à espera que com a manhã, lúcida, lívida, venham preparar-lhe o banho e o corpo.